

Apresentação

O Volume 10 da Revista Brasileira de Linguística Antropológica (RBLA) é comemorativo dos seus 10 anos de existência. A RBLA apresenta-se como um fórum frutífero de discussão e de difusão de estudos linguísticos sincrônicos e diacrônicos associados ao conhecimento dos diversos aspectos das milenares culturas nativas das Américas.

Assim concebida, a Revista tem preenchido uma lacuna no conjunto de periódicos científicos brasileiros. Os artigos divulgados pelos Números 1 e 2 do Volume 1 da RBLA, em julho de 1999, sedimentaram o seu perfil *como uma publicação constituída por estudos interdisciplinares sobre as línguas e culturas dos povos nativos das Américas, com foco especial no continente Sul-americano. Nesse volume pioneiro, a interface entre a Linguística e outras áreas de conhecimento é contemplada pelos artigos: “Two ergativities and their cultural correlates”, de Waud Cracke” (Antropologia), “A cultura cerâmica do tronco Tupí no Alto Ji-Paraná, Rondônia, Brasil: Algumas reflexões teóricas, hipotéticas e conclusivas”, de Eurico Miller (Arqueologia), e “Genética e história do povo Tupí”, de Francisco Mauro Salzano (Genética).*

O artigo de Aryon Dall’Igna Rodrigues, desse Volume I, “*A case of affinity among Tupí, Karíb, and Macro-Jê*”, por sua vez, desenvolve hipóteses de um nexó genético entre três grupos nativos de línguas sul-americanas, Tupí, Macro-Jê e Karíb, além de trazer importantes contribuições para a hipótese de um tronco linguístico Macro-Jê. Aryon Dall’Igna Rodrigues, Waud Cracke e Eurico Miller já não estão mais entre nós. A eles, o nosso agradecimento póstumo por terem construído o primeiro número do Volume 1 da RBLA, associados ao grande geneticista brasileiro Francisco Mauro Salzano.

O presente Número (1) e parte do **Número 2**, ainda em fase de edição, desse Volume 10 comemorativo, são dedicados à Rondônia que, com uma extensão territorial de 237.576 km², é excepcional pelo número de agrupamentos genéticos diferenciados: tronco Tupí (sete das dez famílias), família Txapakúra, família Pano, família Aruák, família Nambikwára, e quatro isolados linguísticos: família Jabutí, língua Aikanã, língua Kanoê e língua Kwazá. Essa diversidade torna o território rondoniense fundamental para o conhecimento do processo de povoamento do território sul-americano: as causas e efeitos das migrações, as relações de contato entre povos de origens distintas; o desenvolvimento da diversidade linguística e cultural.

Abre o Número (1), o artigo de autoria de José Monserrat Filho, “*Rondônia: a luta dos indígenas por suas terras e sua identidade*”, que expõe a dura realidade dos indígenas de Rondônia, que tiveram e ainda têm suas terras roubadas e espoliadas. José Monserrat Filho, ao acompanhar oficinas de revitalização de duas línguas indígenas em Rondônia, constata que essas línguas “continuam a ser dizimadas junto com seus antigos falantes e com os que ainda se empenham heroicamente em mantê-las.” Destaca como causas dessa realidade aparentemente irreversível, o “gado incontável pastando bovinamente em fazendas imensas e exuberantes [...] os majestosos campos de soja [...], e as invasões: “cerca de 90% das terras indígenas de Rondônia estão, neste momento, invadidas”. Tudo isso “com pleno apoio das mais altas autoridades dos governos locais e federais”. Esse cenário é o que José Monserrat Filho chama de “genocídio permanente e silencioso” e clama por “demarcação e respeito já, para não termos nunca um ‘último índio vivo’”.

Roseline Mezacasa, em seu artigo “*As Mulheres Makuráp e o saber-fazer do Marico*”, trata das subjetividades que envolvem as relações das mulheres Makuráp com o processo de “domesticação do tucum”. A autora mostra que pelo domínio desse conhecimento sobre o tucum, elas “também se constituem enquanto mulheres Makuráp, engendrando ao saber-fazer suas relações de pertencimento étnico”.

Samuel Zoró e Kécio Leite por meio do artigo “*Termos numéricos e qualificadores geométricos na língua Pangyjej do povo indígena Zoró*”, contribuem com uma discussão sobre a codificação linguística referente a saberes matemáticos na língua Pangyjej. Mostram que certos qualificadores geométricos existentes nessa língua não possuem correspondentes entre os nomes dados a figuras planas em português. São quantificadores que se referem a formas específicas de animais, como tatu, jabuti, cobra e onça e estão presentes nas pinturas corporais “inspiradas em formas geométricas da natureza”. O artigo analisa alguns afazeres Pangyjej com vistas à identificação de termos numéricos e seus respectivos significados quantificadores, em que se concretiza a associação da Linguística com a Etnomatemática.

Carolina Coelho Aragon apresenta, no artigo “*Posposições e marcadores oblíquos em Akuntsú (Tupi)*”, uma análise morfológica e semântica das posposições e dos marcadores oblíquos nessa língua da família Tuparí, “discutindo as variedades semânticas desses elementos e suas classificações morfológicas.” A autora também destaca que o Akuntsú é uma das línguas brasileiras em estado crítico de existência. É falada apenas por três mulheres sobreviventes de um massacre recente, e por um menino Kanoê que vive com sua mãe e seu tio materno (também sobreviventes de genocídio), na Terra Indígena Rio Omerê, habitada pelos Akuntsú.

Fábio Pereira Couto e Edineia Aparecida Isidoro, em seu artigo “*Evidências acústicas da laringalização vocálica na língua Tuparí*”, demonstram, por meio do aparato técnico, metodológico e teórico da fonética acústica, a caracterização acústica da laringalização vocálica em Tuparí. Um dos achados importantes para o conhecimento da fonologia da língua Tuparí foi a caracterização de um processo não automático de laringalização de vogais orais ou nasais adjacentes à consoante oclusiva glotal.

No artigo “*Memória das atividades realizadas junto aos povos Puruborá e Kujubím, de Rondônia, constantes em dois relatórios de viagem do regional do CIMI/RO, de 2015 e 2017*”, Ruth Maria Fonini Montserrat, por meio “de atividades realizadas em comunidades Puruborá e Kujubim com a participação de professores locais e lembradores de suas respectivas línguas”, reúne informações e reflexões de fundamental importância para a luta dos povos Puruborá e dos Kujubím.

O artigo “*Tornar-se professor: a constituição dos saberes profissionais de professores indígenas Tuparí*”, de autoria de Wany Bernardete de Araujo Sampaio, Edineia Aparecida Isidoro e Luciana Castro de Paula, discute a problemática das classes multisseriadas, a partir dos discursos de professores Tuparí, com foco especial no modo como eles constroem seus respectivos saberes a partir da sua formação, de sua prática docente e de sua vivência em suas respectivas comunidades.

Na sessão Passado e Presente, Jessica Gomes de Gusmão da Silva assina a tradução do artigo seminal de Aryon Dall’Igna Rodrigues, intitulado “*Tupi Languages in Rondônia and in Eastern Bolivia*”. Nesse artigo, Rodrigues apresenta um histórico do estudo que resultou na sua proposta de classificação genética do tronco linguístico Tupí. O autor explicita o método utilizado, assim como as várias etapas de sua hipótese sobre a um tronco Tupí, até a sua consolidação. Nesse artigo, traz, também, mais elementos para a sua hipótese sobre a diversificação dos ramos meridionais da família Tupí-Guaraní: “*Meu propósito principal nesse artigo é mostrar que a presença de línguas Tupí na Bolívia, ao sul do Rio Guaporé, como o Pauserna, o Guarayo e o Sirionó, não se deve a uma breve migração de Rondônia através daquele rio, mas que lá chegaram após uma longa migração ao longo do Juruena e/ou do Arinos em direção à bacia Paraguai e, de lá, de volta à bacia amazônica, mas em outra rota para o noroeste, provavelmente ao longo do Rio São Miguel, um afluente do Guaporé.*” A tradução desse artigo para o Português é importante por garantir, o acesso ao seu conteúdo, a pesquisadores que ainda não dominam a língua inglesa, como é o caso da maioria dos estudantes indígenas de Rondônia.

Maxwell Miranda apresenta uma resenha da publicação “*As línguas Tupi faladas dentro e fora da Amazônia*”, organizada por Marci Fileti Martins.

Evidenciando, por um lado, a diversificação dos povos e línguas Tupí e, por outro, a bacia do Madeira, notadamente o estado de Rondônia, como provável berço dos povos Tupí, a publicação, organizada por Marci Fileti Martins, vem se somar a este **número da RBLA**, que contempla as línguas e as culturas dos povos de Rondônia, as quais formam uma das peças mais ricas em diversidade do mosaico das línguas e culturas indígenas do Brasil.

O presente Número (1) da RBLA traz, ainda, um mapa das línguas indígenas de Rondônia na atualidade, elaborado por Alex Mota dos Santos. O trabalho também contou com a colaboração de: Edineia Aparecida Isidoro, Fábio Pereira Couto, Quesler Fagundes Camargos, Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, e dos alunos indígenas do DEINTER da UNIR, *Campus* de Ji-Paraná, participação esta fundamental para a concretização do trabalho.

Brasília, 30 de julho de 2018.

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Fábio Pereira Couto
Quesler Fagundes Camargos
Marci Fileti Martins